

**O JORNAL NA SALA DE AULA:
GÊNEROS TEXTUAIS UMA FORMA DE INTERAÇÃO
E UMA PRÁTICA EDUCATIVA PARA LER O MUNDO**

Sônia Maria Alves da Rocha (UEL)

Andréia da Cunha Malheiros Santana (UEL)

RESUMO: O objetivo desse artigo é apresentar um relato sobre uma atividade de estágio bem sucedida, tal atividade teve como foco o trabalho com o jornal em sala de aula. Neste relato, demonstramos que o jornal é uma ferramenta útil, para ser trabalhada em sala de aula, uma vez que além de uma rica fonte de informações, ele pode ser utilizado para conhecer diversos gêneros textuais presente em cada caderno do jornal também pode ser usado como exemplo para produção textual, na prática de leitura, como fonte de informação para um debate e interação com o meio social, comparar com a internet e seus conteúdos e pesquisar. Para um estágio bem sucedido, independente do gênero a ser trabalhado é fundamental a parceria entre a orientação do professor regente na prática em sala de aula, se hoje podemos compartilhar esta gratificante vivência no ensino fundamental no Colégio Professor Paulo Freire é porque tivemos uma boa orientação e uma efetiva participação da professora regente. Como conclusão, apontamos a necessidade de uma maior articulação da Universidade e dos cursos de licenciatura com a educação básica, nós percebemos o quanto esta ligação é importante.

PALAVRAS-CHAVE: estágio; jornal; gêneros textuais;

1. Introdução

O estágio no Colégio Estadual Professor Paulo Freire foi uma experiência muito gratificante devido à postura dos dirigentes do Colégio de manter as portas abertas para Universidade, o acolhimento da diretoria, da equipe pedagógica e a empatia da professora, que foi formada pela Universidade Estadual de Londrina, serviram de inspiração para a nossa formação. A professora regente relembrou seu tempo de estágio ao nos apresentar para turma da 8ª série A e 9ª B, esse fato nos fez refletir sobre a importância deste período para a formação do professor.

Este artigo apresenta um relato do nosso estágio e temos como objetivo apresentar como trabalhamos os gêneros textuais na sala de aula e apresentamos uma proposta de ensino com o foco no uso do jornal em sala de aula.

Nos dias de observação e acompanhamento percebemos a dificuldade de manter os alunos concentrados na disciplina, a falta do silêncio em sala de aula, alunos muito agitados,

discussão por causa do uso do celular, isso gerava um desperdício de tempo de aula, eram necessários 15 minutos para conseguir a atenção dos alunos, principalmente na turma da 8ª série, os alunos eram mais agitados, o ambiente era tenso, praticamente em todas as aulas a professora retirava alunos da sala e os encaminhava para diretoria, por briga, desacato e discussões. Observamos refletimos e anotamos as estratégias a serem aplicadas no período da regência.

A regência iniciou-se após uma reunião de planejamento com a professora regente. Fomos desafiadas a apresentar diversos gêneros textuais para os alunos das Turmas 8ª A e 9ª B, sendo necessário trabalhar com dois eixos leitura e produção de texto. A professora deu plena liberdade para escolhermos os gêneros e apresentarmos da melhor maneira possível, contudo ela solicitou que incluíssemos as figuras de linguagem, afinal era o conteúdo programado para o bimestre, assim não atrasaria o seu cronograma, cada atividade realizada contava pontos para a nota do bimestre.

A importância da diversidade de gêneros é reiterada por diferentes documentos oficiais, desde os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacional) até a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Para os PCNs (Brasil, 1997), o trabalho com os textos deve ser feito na base dos gêneros, trata-se de uma perspectiva que enfoca a língua em uso, é necessário o estudante de a educação básica aprender a usar adequadamente os gêneros de acordo com cada situação.

Enfatizamos a importância do trabalho com os gêneros, dado que a Base Nacional Comum Curricular apresenta para o ensino de língua portuguesa de 6º ao 9º ano a prática de linguagem por meio do campo jornalístico mediático para ampliar a participação de crianças, adolescentes e jovens na prática relativa ao trato da informação BNCC. (2017, p.140).

Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em

movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2017, p.64).

Ao se falar em gêneros é preciso considerar as condições de produção, circulação e recepção (perspectiva sócio-histórica). De acordo com a perspectiva bakhtiniana: o gênero é marcado pelo plurilinguismo, pelo dialogismo e pela polifonia.

Cada esfera de comunicação da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, ele chama de Gêneros do Discurso. Para Bakhtin (2003), os gêneros podem ser divididos em dois grupos: primários e secundários. O gênero primário é mais e resulta de uma comunicação espontânea, faz parte da vida cotidiana das pessoas (bilhetes, cartas relatos familiares, entre outros). O gênero secundário é mais complexo, refere-se a textos normalmente mediados pela escrita que fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem, fruto de uma comunicação mais complexa e evoluída, neste gênero estariam incluídas as obras literárias, são exemplos deste gênero entre outros, o romance, o teatro, o discurso científico e ideológico. Em sala de aula, o professor precisa articular o trabalho com estes diferentes gêneros.

Bakhtin (2003) ressalta que muitos gêneros se misturam, por exemplo, uma carta dentro de uma obra literária perde a sua ligação com a vida cotidiana. Para ele, há uma variedade muito grande de gêneros do discurso, que correspondem à diversidade das atividades humanas que se amplia à medida que as atividades se desenvolvem.

Para Bakhtin (2003) aprender a falar é aprender a estruturar enunciados, pois falamos por enunciados e não por orações ou palavras isoladas. Os gêneros do discurso organizam a nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais aprendemos a moldar a nossa fala às formas do gênero que iremos usar. É preciso saber selecionar o gênero para organizar um discurso, o que fazemos mentalmente, o que implica conhecer suas características, avaliar sua adequação aos objetivos e o contexto no qual irá circular.

Para definir a noção de gênero leva-se em conta a ancoragem social do discurso, sua natureza comunicacional, as regularidades composicionais dos textos ou ainda suas características formais, estes diferentes aspectos estão ligados e geram afinidades em torno de duas orientações principais: a que está mais voltada para os textos, justificando a denominação gênero de texto e que está mais voltada para as condições de produção do discurso, que justifica a denominação gênero do discurso.

Partindo da ideia de trabalhar com o ensino a partir da perspectiva de gênero, os planos de aula foram estruturados e aprovados tanto pela professora regente como pela professora supervisora do estágio. Fomos informados sobre a falta de recursos, o colégio não teria como fornecer o material de reprodução, a cota de cópias era muito pequena, portanto nós recebemos o livro didático, giz, lousa e apagador, como instrumentos de trabalho, o equipamento para projeção de imagem era muito concorrido entre os professores e precisava ser agendado com alguns dias de antecedência, por isso não conseguimos usar essa ferramenta.

2. Pressupostos teóricos e metodologia

Conforme Libâneo (1994), a prática educativa busca alcançar determinados objetivos e o nosso foi atender a demanda programada pela professora regente que visava promover a prática de leitura, a produção textual apresentar os diversos gêneros textuais, por isso optamos trabalhar com o jornal devido ao seu conteúdo ser rico de exemplos e por suas características sociais. Como objetivo geral buscamos demonstrar como estamos envolvidos em meio social que circulam diversas informações e que um leitor precisa desenvolver um olhar mais atento sobre o conteúdo dessas informações e suas fontes.

Para Freinet, (apud Lino; Santana, 2018) o trabalho com o jornal é importante, pois aproxima a linguagem da sua prática social, a produção escrita ou a leitura deixa de ser algo, muitas vezes, visto como artificial e fora da realidade do estudante. Quando o estudante passa a vivenciar o processo de escrita ele percebe a sua importância.

Libâneo (1994, p.120) corrobora com esta ideia e afirma “que a prática educativa atua no desenvolvimento individual e social dos indivíduos, proporcionando os meios de apropriação dos conhecimentos”, por isso optamos usar, o jornal impresso como ferramenta de trabalho, o “Jornal Folha de Londrina”, que trata de assuntos sociais ocorridos na cidade dos alunos, são informações que dialogam com o conhecimento de mundo deles, ademais trata informações conforme sugere a BNCC.

Kleiman (2000) explica sobre a importância do conhecimento prévio para o trabalho com diferentes gêneros, ela aponta que: “A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio.” Na sala de aula estamos diante de um

leitor aluno, que está na escola para adquirir conhecimentos nos diversos níveis linguísticos; o jornal é ideal, já que trata de assuntos da comunidade, poderia promover a leitura por meio dele e gerar uma certa identificação e despertar um interesse maior para a leitura, o leitor utiliza na leitura o que já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. (KLEIMAN, 2000, p.13.).

Lajolo (1993) diz que colheu algumas falas de professores em suas pesquisas, os profissionais dizem que os alunos por não terem hábito ou gosto pela leitura, só leem se forem obrigados, por isso, optamos por articular a leitura através das reportagens, notícias e propaganda, para contornar a falta de interesse, principalmente quando o texto é longo, o jornal apresenta textos e imagens, assim os alunos seriam motivados a ler, assumimos o risco de vencer resistências.

Paulo Freire (1996) coloca que ensinar não é transferir conhecimento e que exige assumir risco, a turma da oitava série exigia o “pensar certo”, era para os fortes, por isso buscamos a orientação da professora regente e recorremos a Paulo Freire que afirma:

[...] é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável é pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas pelo contrario, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão como o professor formador. (FREIRE, 1996, p.39).

Precisávamos unir forças com a professora regente e orientadora para buscar a melhor estratégia, uma vez que os alunos da oitava eram agitados e agir certo era imprescindível do contrário perderíamos o controle da turma e ficaria difícil concluir a tarefa.

Marcuschi (2008) afirma que: “o trabalho com gêneros textuais é uma oportunidade extraordinária de e se trabalhar com a língua” e vai mais longe:

Veja-se como seria produtivo pôr na mão do aluno um jornal diário ou uma revista semanal com a seguinte tarefa: “identifique os gêneros textuais aqui presente e diga quais são as suas características centrais em termos de conteúdo, composição, estilo, nível linguístico e propósitos”. É evidente que essa tarefa pode ser reformulada de muitas maneiras, de acordo com os interesses de cada situação de ensino. Mas é de se esperar que por mais modesta que seja a análise, ela será sempre muito promissora. (MARCUSCHI, 2008, p.35).

Constatamos que realmente foi muito produtivo trabalhar com Gêneros Textuais usando os jornais em sala de aula.

3. Gêneros textuais em sala de aula como estratégias para leitura e escrita

O jornal impresso possui diversos gêneros textuais em seu conteúdo, alguns apresentam textos curtos de abordagem rápida, notícias, reportagens, editais, receitas, carta do leitor, editorial, horóscopo, quadrinhos, piadas, propagandas, resenhas de filmes, classificados, entre outros. Encontramos com facilidade um farto material para desenvolver o conteúdo planejado, no intuito de apresentar este suporte “jornal”, levamos para sala de aula diferentes jornais da cidade e região. Os estudantes formaram equipes de cinco alunos, explicamos para eles como iríamos trabalhar, dividimos as páginas dos jornais, entre os alunos dos grupos e apresentamos as atividades a serem desenvolvidas:

a) observar e ler em silêncio o conteúdo da página, identificar os diferentes gêneros textuais presente, relacioná-los em uma folha no caderno;

b) escolher em conjunto um texto do jornal, recortar colar do lado direito em uma cartolina;

c) elaborar um texto com características semelhantes ao texto escolhido, usar uma figura de linguagem, colar do lado esquerdo do cartaz, colocar o nome de todos os participantes do grupo no verso do cartaz.

O desafio foi maior que o esperado, devido a contrariedade dos alunos da 8ª série, diante da proposta de trabalhar em grupo, e por terem que apresentar para os colegas, certa agitação tomou conta da turma, para que as atividades pudessem ser realizadas, foi necessário retomar as figuras de linguagem, eles necessitavam recordar, precisamos também retomar a diferença entre linguagem conotativa e denotativa, explicar a diferença entre notícia e reportagem, conteúdos esses, que anteriormente já haviam sido abordado pela professora regente, mas a mesma solicitou que relembra-se com eles.

Apropriadamente, Azeredo (2018) coloca que podemos definir figuras de linguagem como formas simbólicas ou elaboradas de exprimir ideias, significados, pensamentos, para produzir, emoção, simbolismo no âmbito da afetividade ou da estética da linguagem, percebeu que o entusiasmo dos jovens são constantemente representados por meio de metáforas.

Observamos que a Metáfora por ser um princípio onipresente na linguagem, o aluno faz uso desse recurso de forma intuitiva exercitando a capacidade humana de simbolizar,

quando fala: “professora fiz um furo de reportagem”, ou o aluno escreve: “mãe você é meu porto seguro”, ao ser questionado se usou figuras de linguagem no seu texto, diz que não, em razão de não perceber tratar-se de uma figura de linguagem. Porquanto a metáfora com seu potencial expressivo muitas vezes nos surpreendente com sua versatilidade, dado que, é um recurso usado com frequência na linguagem cotidiana, “As metáforas que estão em toda parte, originando expressões cristalizadas”. (AZEREDO, 2018, p.523).

Durante o trabalho ocorreu certo estranhamento diante do jornal impresso, uma rejeição por parte de alguns alunos, argumentaram: “ninguém lê mais isso”, “nunca ouviu falar em internet?” e “isso está ultrapassado”, o comentário foi acolhido e aceitamos a pesquisa e o uso de notícia ou reportagem da internet, para os que assim preferissem, desde que apresentassem o material pesquisado impresso com a fonte, a maioria optou pelo jornal da cidade, explicamos que nem todos os alunos possuem acesso a internet em casa e por ser mais prático os jornais eram os materiais disponíveis para serem usados, comentamos ainda que eles eram uma espécie de internet no passado, mas que continuam em uso e vários leitores os apreciam.

Cada equipe fez uma apresentação em dez minutos, no início de cada aula, leram o texto recortado do jornal e o texto produzido com as figuras de linguagem usadas no texto explicaram cada uma delas, a divisão de tarefas ficou sob a responsabilidade do grupo. Este trabalho durou duas semanas, alguns alunos não cumpriram o prazo, esqueceram o cartaz em casa, foi necessário ser flexível e reprogramar a apresentação dos retardatários, para não prejudicar os demais participantes da equipe e evitar conflitos entre os alunos.

A resistência de trabalhar em grupo foi superada e o resultado obtido na oitava série foi positivo, afinal foi possível exercitar, o trabalho em equipe, a leitura, a oralidade e produção de texto. Atingimos os objetivos, alguns trabalhos apresentados estavam primorosamente elaborados, todavia em outros o capricho passou bem longe. Precisamos deixar claro que conseguimos a participação de todos, dado que valia nota, a participação da professora regente nesse sentido foi fundamental.

Trabalhamos com o jornal na nona série, contudo escolhemos apenas notícia ou reportagem, uma vez que o foco principal era produção de texto, a proposta era produzir uma notícia usando a do jornal como modelo, os alunos produziram uma notícia falsa (*fakenews*) e

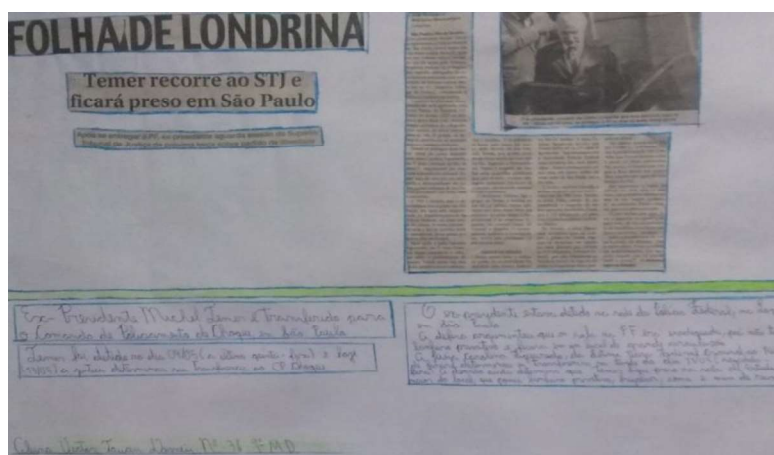
comentaram com a turma que todos precisam ficar atentos com informações falsas, tão frequentes na internet, sendo necessário verificar a fonte, para não cometer enganos, injustiças e até mesmo responder a processos judiciais devido a divulgação das mesmas.

Encontramos a princípio na nona série, uma pequena resistência no exercício de oralidade poucos alunos se mostraram dispostos a ler e voz alta, devido a timidez e medo da exposição diante dos colegas, por isso tomamos a iniciativa de iniciar a leitura pedimos para uma aluna, que se mostrava mais participativa continuar a ler e a prática passou a ser conjunta, após ter explanado que o exercício da oralidade é importante no desenvolvimento de competências sociais e profissionais.

Superadas as resistências, os resultados na nona série foram bem gratificantes, os alunos se mostraram mais participativos, venceram a timidez e produziram seus textos, debateram mais as notícias e reportagens, com um posicionamento crítico que nos surpreenderam, eles fizeram uso da ironia, uma figura de linguagem muito usada no cotidiano deles. Abaixo apresentamos a fotografia de um trabalho apresentado por eles cujo conteúdo provocou debate entre os alunos, que expressaram indignação diante da notícia.

4. Tabelas e ilustrações

Tabela 1 Imagem de uma atividade realizada em sala de aula.



Fonte: o próprio autor.

5. Considerações finais

O estágio é uma fase muito importante na formação do professor, foram horas preciosas de práticas que valeram por um semestre de teorias, porém sem as teorias e a metodologia aprendida em sala de aula essa prática poderia ser desastrosa, foi possível perceber que em todos os momentos o conhecimento adquirido em todas as aulas serviram de sustentação para essa oportunidade formadora e para a compreensão da realidade em sala de aula.

Em suma enfatizamos a importância da parceria entre Colégio e Universidade, da colaboração e empatia do professor para com o estagiário aprendiz. Que é primordial seguir as orientações e aplicar a metodologia que aprendemos nas aulas da graduação, elas são fundamentais.

Considerando a vivência adquirida no estágio podemos afirmar que ela é única na formação e na memória do docente, ela nos fez compreender o papel do professor na vida do educando, uma vez que, ao promover os meios para o seu aluno desenvolver seus potenciais, prepara o para uma participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais, em razão que são os conhecimentos sistematizados que ampliam a compreensão do mundo, ao desenvolver suas competências, estas influem nas ações e convicções; conforme Martins (1994), o aluno passa do ato de ler para a leitura e compreensão do mundo. O professor consciente da relevância de instrumentar seu aluno a se perceber como sujeito ativo, faz diferença na sociedade.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **GRAMÁTICA HOUAISS da língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo, Instituto Houaiss, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acesso em: 07 set. 2019.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo, Cortez, 1982.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor Aspectos Cognitivos da Leitura.** 7. ed. Campinas São Paulo: Pontes, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1997.

LINO, Ana Paula Silva; SANTANA, Andréia Cunha Malheiros. O ensino de Língua Portuguesa através de um projeto de letramento: o jornal escolar. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 3, p. 424-447.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.